



ENTREVISTA

Trajatória, experiências e pesquisa: entrevista realizada com Irllys Alencar Firmo Barreira.

Trajectory, experiences and research: interview with Irllys Alencar Firmo Barreira.

Gleison Maia Lopes

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA; Cursa Doutorado em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.
E-mail: gleison.lopes@ifma.edu.br

Síntese biográfica

Professora titular de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem doutorado na Universidade de São Paulo e pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) e no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Gleison Maia Lopes – Professora, primeiramente, gostaríamos de agradecer sua participação. Seja bem-vinda à nossa revista. A Revista Café com Sociologia, por meio de seu conselho editorial, agradece a professora doutora Irllys Barreira por optar dividir conosco um pouco de sua história, trajetória, percepções e afetações.

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Às vezes me sinto fazendo muitas coisas em diferentes direções, aí quando você vem e me pergunta, é como se você me repusesse minha trajetória, que às vezes se perturba um pouco nesse mundo de

tanta demanda. Então eu fico contente com a deferência e estou disponível para falar sobre o que você achar interessante.

Gleison Maia Lopes – Professora, desde já grato pelo aceite em disponibilizar uma entrevista. Nós da Revista Café com Sociologia, por meio do Conselho Editorial, agradecemos profundamente à senhora por optar dividir conosco um pouquinho da sua história, da sua trajetória, das suas percepções, vivências e queria começar ouvindo um pouquinho da senhora sobre a sua trajetória, discutindo conosco a influência de seu percurso nas escolhas acadêmicas e profissionais que a senhora teve ao longo da sua trajetória.

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Sim, pra eu falar um pouco do meu percurso?

Gleison Maia Lopes – Isso.

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Eu escrevi, quando eu fiz concurso para titular, um memorial em que eu começava dizendo o seguinte: que todo percurso acadêmico é feito de desejos e acasos, a gente não escolhe uma carreira por aqui. Embora a gente encontre um nexos lógico, há coisas que se redefinem: são oportunidades, são contatos, são encontros. Então eu me vejo assim: numa trajetória que foi englobando temas diversificados, mas que tem algumas constelações comuns. É como se eu estivesse assim: eu tenho uma rede de pesquisa e eu poderia ser entrevistada por alguém da área de política e mulheres que iria me perguntar como foi a minha trajetória nessa área. Alguém sobre cidade que também iria me perguntar sobre esse tema. Alguém que trabalhasse, por exemplo, sobre eleições, também poderia me entrevistar ou então alguém que trabalhasse sobre algumas expressões culturais, sobre pedagogia, então eu acho que a minha vida de pesquisa é uma vida que foi feita de cruzamentos, vamos dizer assim, cruzamentos de pesquisa, incluindo também movimentos sociais. Alguém poderia me entrevistar também sobre movimentos sociais. Eu poderia dizer que há eixos comuns. Se a gente pensar, há sempre uma pergunta que me inquieta ao longo do tempo. Pra

mim eu poderia encontrar um eixo comum, que é o comportamento das pessoas. Como é que as pessoas veem o mundo, como é que elas se comportam, como é que elas se organizam, como é que elas constroem discursos, como é que elas entram nos jogos dos conflitos sociais, das resistências, das organizações como agente social. O tema da agência do comportamento social. Agora mesmo eu estou num projeto, olha só o tema: recursos hídricos. Então nós estamos com equipe multidisciplinar sobre recursos hídricos, e o meu tema atual de pesquisa é sobre a organização e participação dos usuários nos comitês de bacia. Isso tem a ver com movimentos sociais e também com a política, tem a ver também com a cidade, com distribuição de recursos. Enfim, eu tenho pesquisas que se movem em muitas direções, eu poderia dizer assim.

Gleison Maia Lopes – Compreendo.

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Escrevi o memorial para o concurso de titular dizendo assim: eu não toco samba de uma nota só, posso dizer que danço coisas que se articulam, eu acho que é muito bom porque uma coisa enriquece a outra.

Gleison Maia Lopes – Compreendo, professora. É uma questão que nos salta aos olhos, quando olhamos as suas produções, é que há essa multiplicidade de questões que vêm sendo trabalhadas, como a senhora pontua nesse primeiro momento. Gostaria especificamente de saber o que a atrai quando se pensa na produção que a senhora já realizou e vem produzindo, quando busca articular os temas de cultura e política. O que salta aos olhos da pesquisadora quando se debruça sobre esses dois campos de análise?

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Eu sinalizaria uma experiência muito rica que eu tive com antropólogos, que fazem parte do Museu Nacional, Núcleo de Antropologia da Política-NUAP do qual eu faço parte. Eu diria que eu reforcei um lado muito interessante, que é pensar um pouco sobre os comportamentos percebidos não só pelas instituições, mas perceber as junções, os

conflitos. Por exemplo, eu analisei trabalhos de campanhas políticas. Há muitos trabalhos meus sobre campanhas políticas. O último que eu publiquei é sobre promessas em tempo de campanha. Me chama muito atenção a ideia dos discursos e das representações, o que as pessoas pensam sobre algo e como é que, de posse desses pensamentos, elas agem e tomam partido, tomam posições hoje nesse mundo, onde nós estamos com tanta perplexidade. Pra mim é importante entrar nessa temática das representações. Agora mesmo eu vou apresentar um trabalho na ISA- Encontro Internacional de Sociologia, que vai ser em Porto Alegre, que é sobre o ódio na política, amor e ódio, essa relação, essa dualidade. O modo como nós estamos percebendo o funcionamento do mundo social, a dualidade opcional entre oposições políticas, A ou B. Então essas disputas, essas representações pra mim são importantes, o que as pessoas pensam, eu acho que essa pergunta: “o que as pessoas pensam?” e, a partir daí, como elas se comportam, é algo interessante porque permite a gente romper com uma certa visão muito institucional da vida. Quer dizer, não basta que você diga assim: “as pessoas que estão em determinados partidos agem assim” ou “as pessoas que moram na cidade agem assim”, mas uma ênfase no acontecimento, uma ênfase na atenção entre o que eu digo e o que eu faço, no modo de pensar, no modo de se comportar, eu acho que permite uma Sociologia mais viva. Então me parece que essa pretensão, essa ênfase no acontecimento, essa ênfase na contradição, no conflito no que está sendo feito para além do que deve ser feito, eu acho que norteia um pouco meu trabalho. Nesse sentido meu trabalho tem uma junção muito forte entre a Sociologia e Antropologia. Eu diria que eu tenho uma certa visão antropológica agora, inclusive enriquecida um pouco pela Psicanálise, que é o tema que eu ando adentrando ultimamente. Então essa perspectiva de romper com aquela visão institucionalista dos modelos é importante. Quer dizer, os modelos são bons para pensar, mas eles são pontos de partida. A partir deles existe o homem vivo, atuando, agindo, pensando, entrando em contradição, entrando em conflito, tendo que dizer “eu faço assim”, mas fazendo diferente. Então me parece que essa ideia de uma Antropologia do acontecimento, ou de uma Antropologia da vida social ou a vida como ela é, é importante para poder pensar os comportamentos e os conflitos, sobretudo numa sociedade como a nossa, tão viva, tão instigante e tão surpreendente.

Gleison Maia Lopes – Com certeza, professora! É notória uma preocupação da senhora em compreender os processos de agência, de conflito, de como os indivíduos se sociam no seu processo cotidiano de vivência e é interessante pensar que a senhora projeta essa busca de compreender como os indivíduos agenciam a sua vida na cidade. A senhora volta o seu olhar à cidade para materializar essas preocupações de entender os conflitos, as agências, os processos que se dão dentro do espaço urbano. A senhora poderia fazer então uma análise da maneira como a cidade vem sendo trabalhada e pensada em suas pesquisas?

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Pois não. A cidade, como ela entrou no meu tema... Ela já teve várias entradas. Eu acho que a primeira entrada foi o tema movimentos sociais. Me interessava aquela parte da cidade dos chamados desassistidos, a parte da cidade rebelde, a cidade, vamos dizer assim, da periferia inconformada com a distribuição desigual, com a falta de acesso a bens de consumo coletivo. Então essa primeira entrada numa cidade dividida, desigual, mobilizada por atores em busca de bens foi realmente a minha entrada principal. Depois eu percebi também um pouco a cidade do ponto de vista do discurso dos gestores, as políticas para a cidade, os programas sociais feitos voltados para atores sociais que não tinham acesso a esses bens. Aí eu trabalhei um pouco nessas políticas, organizei um livro de pesquisa junto com a professora do nosso departamento de Ciências Sociais Elza Braga, incluindo outros professores como Glória Diógenes que se chama *A política da escassez*. Como é que essa escassez era objeto de políticas e como se passou, a partir daí, [a] formar entidades que seriam repassadoras de recursos. Criaram-se, nesse momento, conflitos entre as entidades que recebiam os recursos e as que não recebiam, as que não recebiam se chamava de autênticas, as que recebiam eram apelidadas de compradas, ligadas com o governo e não críticas. Então havia essa disputa, esse conflito. Essa foi uma entrada pra ver também o outro lado. Minha outra forma de entrada foi a cidade no momento eleitoral. Eu discuti, por exemplo, rituais de visitas dos políticos na periferia: era assim, comícios na periferia a exemplo dos comícios na época do Juraci Magalhaes na campanha para prefeito em 1989, comícios feito com promessas, o modo como o político se cercava desses espaços “esquecidos”. Então trabalhei discursos na periferia,

comícios e também adesões de candidaturas, candidaturas populares, porque nesse momento havia candidaturas a câmeras de vereadores que diziam o seguinte: “nós não acreditamos em políticos, nós temos o nosso candidato e o nosso candidato tem que ter determinadas características, por exemplo, morar no bairro, não sair daqui, não esquecer a comunidade”. Então escrevi um artigo analisando a ideia de representação¹. Eu chamei representação como espelho, a ideia de que ela era vista assim: só me representa alguém que é igual a mim, se for diferente de mim vai me enganar. Então a ideia de uma entidade na ótica da representação relacionada ao lugar de moradia foi aí construída. Essa foi uma outra entrada no tema dos movimentos sociais, pra você ver como eu tenho muitas entradas. Uma mais diferente se deu quando eu ganhei uma bolsa da DAD para ir para Alemanha. Eu estive na Alemanha e a minha proposta era trabalhar Berlim, num lugar em que eu não falava a língua, num lugar que eu não conhecia as pessoas, eu pensei “meu Deus, que enorme desafio”. Para conhecer essa cidade eu comecei a olhar os guias turísticos e nos guias turísticos eu percebi algo muito interessante nos guias de Berlim. Começa que havia os guias do lado leste, os guias do lado oeste, cada um escolhia os seus ícones, isto é os monumentos representativos do espaço urbano e cada um tinha uma narrativa sobre a cidade. Aí apareceu um dado, um nexo muito interessante, é como se houvesse uma disputa de narrativas, a disputa de narrativas se assemelhava um pouco com aquela ideia da disputa política dos candidatos. É como se cada lado da cidade se candidatasse dizendo “isso aqui representa Berlim”. Então eu comecei a ver a memória, a história, os guias turísticos riquíssimos, a destruição, aquele lado da cidade que não deveria ser modificado para permanecer como memória. Era a narrativa da tragédia dos campos de concentração. Então o que, que eu fiz com essa entrada. Eu comparei Berlim, depois eu fui para Lyon e, em Lyon, a gente tinha uma pesquisa com Fortaleza, um acordo CAPES/COFECUB e lá eu fiz uma trajetória olhando como é que os guias turísticos mostravam as cidades numa maneira diferente de Berlim. Aí eu comparei também com outras cidades. Estive em Lisboa num processo de pós-doutorado. Em Lisboa eu fiz a mesma coisa. Então eu escrevi um livro que é *A*

¹ “A representação como espelho: universo cultural e político das candidaturas populares”, Revista Brasileira de Ciências Sociais vol.9 Anpocs, São Paulo, 1994.

*cidade como narrativa*². Esse livro eu editei em Portugal e também tem uma versão aqui no Brasil. A versão chama Narrativas da cidade. Então a partir daí a cidade ficou um pouco assim, a cidade como lugar de discursos, a cidade como lugar de fala, a cidade como ator apresentado por alguém para disputar simbolicamente o lugar de reconhecimento na visitação turística. Aí eu fiz uma pesquisa, pesquisei turistas, pesquisei guias turísticos e isso aí deu um mote interessante.

Mais recentemente, eu entrei num processo das ZEIS que é fazer Plano de Integrado de Regularização Fundiária. Nesse plano integrado, a equipe da Arquitetura, Geografia, direito, economia e políticas públicas deveria apresentar um plano de moradia para a população e a equipe de Sociologia ficou encarregada de organizar esse plano e fazer a pesquisa sobre o que é que as pessoas esperam da moradia, como é que elas veem a cidade, como é que elas demandam equipamentos públicos, o processo de representação que elas têm sobre as condições de vida, o desejo do papel da casa. Aí o papel da casa encontrou um nexos interessante com as pesquisas do NUAP, porque no NUAP, a Mariza Peirano, antropóloga titular da UNB, tem uma discussão pioneira sobre os papéis, os documentos na vida do cidadão. Então pra mim entra a minha pesquisa do CNPq [que] é agora sobre o significado do papel da casa. Então são muitos, são muitos eixos de investigação, mas eu acho que tem aquele lado comum que eu lhe falei, que é a ideia de representação, participação, ação, experiência dos atores sociais nesse conjunto de acontecimentos. Do ponto de vista teórico, que categorias são importantes? A categoria de representação. Eu escrevi também um artigo sobre noção de representação entre os moradores da periferia³. Eu acho que a ideia de discursos, os conflitos e os nexos entre atores sociais e instituições, então eu acho que esse conjunto de questões iluminam meu trabalho de investigação. Você falou aí na categoria mistura, que foi algo que eu me preocupei, mais recentemente eu acho que o tema da desigualdade é um guarda-chuva grande que sempre esteve muito presente nos meus trabalhos. A desigualdade como experiência e a desigualdade também como convivência, convivência coletiva. Fortaleza é uma cidade muito segregadora, muito desigual, muito... Como é que se diz? Nós e os outros. É uma

² Ver: <https://www.ics.ulisboa.pt/livros/cidade-como-narrativa>

³ “Representações sobre a política entre lideranças populares: limites e possibilidades de uma ferramenta conceitual”. *Revista Estado e Sociedade, UNB, Brasília 2011.*

cidade cheia de ícones, de notoriedade, de reconhecimento a partir do próprio local de moradia. Eu sempre me impressiono que em outras cidades do mundo a noção do espaço público permite uma certa convivência entre diferentes. Aqui nós temos assim, eu me lembro que desde pequena era assim, se você ia num lugar, num clube dizia-se que ele não estava mais prestando porque estava muito misturado. Então a mistura era o contato com o diferente, com o outro [que] era o pobre, era o negro, era o desclassificado. Então a classe média era uma classe média que imita muito a chamada classe alta, classe dominante. Ela se espelha nessa configuração, talvez por esse motivo a gente tenha um espaço público tão empobrecido, por exemplo, a rua foi substituída pelo shopping. Ninguém vai no comércio. Se você pensar essa geração nova agora, [ela] não conhece o centro de Fortaleza, os jovens conhecem o shopping. Então nós temos realmente uma situação de muita, muita segregação que agora vai estar muito mais forte por conta da pandemia e eu acho que é esse viés cultural da diferença, da discriminação [que] me tocou muito sensivelmente durante muito tempo, só que eu não trabalhei na forma convencional como se trabalha através diretamente da categoria classe social, ou na forma mais convencional em que você trabalha aquelas categorias, vamos dizer assim, econômicas da exclusão do neoliberalismo. Eu tenho focado essa via dos comportamentos, da sensibilidade, das representações. Eu vou um pouco nesse percurso que parece um atalho, mas tem esse olhar comum sobre o tema, vamos dizer assim, das diferenças, das representações e do modo como elas aparecem no espaço público.

Gleison Maia Lopes – Perfeito, professora. Seguindo um pouquinho nessa esteira que a senhora abriu para podermos continuar o nosso diálogo, me chama atenção que há um diálogo bem interessante sobre uma concepção de uma autora chamada Jane Jacobs acerca da autodestruição da diversidade nas cidades, a partir de um planejamento urbano que instituiu uma excessiva reprodução dos usos padronizados e homogeneizados como tônica na construção da cidade. Ela pensa isso, sobretudo, nas cidades norte-americanas. Eu gostaria de ouvir um pouquinho a senhora [sobre] como o debate que as suas pesquisas propõem nos últimos anos, sobretudo, nos ajudam a pensar esse debate da autodestruição da diversidade,

especificamente a partir da discussão das noções de mistura que a senhora acabou de colocar pra nós.

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Perfeito, eu gosto muito da Jane Jacobs. Tem também o Rogério Proença, professor da Universidade Federal de Sergipe, que trabalha a categoria contra-usos que eu acho interessante. O que acontece, eu acho que os investimentos nessa ótica do enobrecimento e nessa perspectiva de atrair o turista e atrair a classe média faz investimentos que terminam planejando lugares seletos. Esses lugares seletos, eles tendem a evitar a mistura. Nós temos aqui, por exemplo, o Centro Dragão do Mar, que já entrou com vários investimentos, tem requalificação I, requalificação II, III, e sempre o conflito é o contato com o entorno, é uma favela vizinha que não se integra com aquele local que está sendo requalificado. A Jane Jacobs ela é uma apologista da mistura, vamos dizer assim, e da autovigilância da população. População que está ali presente, que mora naquela casa, sabe que aquele cara que apareceu ali na esquina é um estranho, sabe que alguma coisa está diferente. Então esse processo de autorregulação pela presença da diversidade é mais importante do que a polícia na rua ali, a evitação do estranho, do diferente porque a ideia do espaço público é o encontro entre diferentes. O espaço público, ele é público porque ele é anônimo. Eu gosto muito da ideia, vamos dizer assim, da ideia do Simmel e da ideia do Sennett de que o espaço público é o espaço do encontro entre os diferentes, é o encontro da diversidade, alguém que eu não conheço [e] dou “bom dia”, dou “boa tarde”, é alguém a quem eu me dirijo sem saber quem é, para quem eu ritualizo certas práticas, vamos dizer assim, de entrar na fila, de ceder o lugar para fazer com que a cidade se mova nesse conjunto diverso e anônimo. É isso que a gente chama de anonimato, um anonimato que ele se autocontrola sem a necessidade que haja uma polícia, que diz aqui ninguém entra. Então em uma cidade segregada como a nossa, o grande desafio é esse. É verificar um processo de autorregulação e de contato coletivo. Então eu acho que essa ideia de mistura visa exatamente recompor uma noção muito enraizada na classe média de que nós não nos misturamos, não somos qualquer um, não é? nós não nos misturamos com qualquer um e eu acho que a noção do espaço público é uma noção de democracia. E aí por mais que a gente

critique os Estados Unidos, França, Europa, qualquer lugar assim, por exemplo, me impressiona, por exemplo, andar numa rua em Nova Iorque e você vê assim... Tem muita polícia, mas você vê o mundo inteiro lá. Mesmo no Rio de Janeiro, uma cidade complexa, violenta, ou [em] São Paulo, você encontra, vamos dizer assim, uma certa mistura. Eu acho que aqui em Fortaleza nós temos essa dificuldade maior de trabalhar essa mistura. Não estou dizendo que não há discriminação em todos esses lugares, há demais e não tenho dúvidas. Todos esses episódios violentos dos Estados Unidos são a prova de que esse espaço público é um conceito do tipo ideal no sentido weberiano, é um pouco como se fosse um conceito de democracia. A gente está sempre lutando, percebendo as diferenças e lutando para derrubar os muros simbólicos que, na realidade, nós estamos falando de muros simbólicos [que] é aquele, vamos dizer assim, do acesso muito desigual a determinado bem. Mesmo praças, mesmo lugares abertos... Eles são objeto de vigilância do outro. Eu olho aquela pessoa, não venho mais aqui porque aqui está aparecendo alguma coisa estranha. É claro que numa cidade violenta como Fortaleza, ou nessa violência que está, vamos dizer, presente no mundo inteiro, o olhar do outro, ele adquire, vamos dizer assim, um significado muito grande naquilo que Foucault chamava de vigilância. Parece que cada um incorpora um pouco a ideia do panóptico e você fica olhando enviesado para o diferente. Então isso é muito sério pra mim. Assim, a noção do espaço público, ela tem que ser repensada, discutida porque ela é, vamos dizer assim, a expressão mais forte, mais emblemática de cidade. Eu diria um pouco a alma da ideia de cidade é a ideia de público. Habermas já dizia isso. É o espaço público que começou com os cafés literários, que começou com a imprensa, com a ideia de opinião pública, algo que não estava na minha casa, algo que estava, vamos dizer assim, para além de mim. Então essa noção de cidade, essa noção de público com essa espacialidade onde os diferentes se encontram, eu acho assim, a grande riqueza e talvez a nossa grande utopia, porque nós nunca conseguimos fazer isso com uma plenitude desejada.

Gleison Maia Lopes – Perfeito, professora, perfeito. Professora, quando olhamos para as suas produções fica clara uma constelação transversal de temas: a cidade, democracia, representação, movimentos sociais, política. É interessantíssimo

que a senhora trabalhe esses temas, tendo uma tônica discursiva, uma interpretação sociológica que engloba esses temas numa mesma análise, sempre preocupada com a discussão de uma desigualdade, do acesso à cidade, do acesso ao equipamento político, ao sistema de representação. Há uma tônica em seus trabalhos que conecta essas pesquisas que são tão variadas. A senhora, que atravessou tantos campos de pesquisa, tantas parcerias intelectuais, sociológicas, poderia falar sobre o que conecta a professora Irllys ao analisar temas que são diferentes. Qual o fio condutor das pesquisas que a senhora produz?

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Quando a gente fala em fio condutor, a gente talvez se reporte a algo mais abstrato, mais estrutural, aí vem um pouco a ideia da teoria.

Gleison Maia Lopes – Sim, sim.

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Eu acho que eu sou muito influenciada pela teoria do Bourdieu, Pierre Bourdieu, que é onde eu realmente fiz uma formação, No pós-doutorado, na École des Hautes Études em Paris. E lá eu achei muito interessante a perspectiva do grupo, de trabalhar temas tão diversificados. Eu olhava e dizia assim: “meu Deus, que coisa interessante”. Ali eu via, por exemplo, o trabalho de pesquisa sobre a letra da secretária de um gabinete, uma visão sobre as pessoas que protestam, a presença de mulheres em determinados atos públicos, o modo como você se dirige a alguém, o modo de falar, o modo de tirar fotografia. Assim, eu acho que eu me encantei com a possibilidade da Sociologia como uma forma de olhar o mundo, interpretar o mundo independente dos objetos que ela possa focar, como se ela fosse uma certa câmera fotográfica sociológica que pode fazer registros. Eu vejo o sociólogo um pouco como o registrador com essa câmera. Esse olhar sociológico que pode pensar nisso. Eu trabalhei postais, fotografias também... Esses registros me dão a ideia de que a Sociologia é um modo de pensar, de estar no mundo, ou seja, tudo pode ser objeto de um olhar sociológico desde que eu possa encontrar os fios de conexão que me são sensíveis e que me são oportunos em determinado momento. Então isso me permite, por exemplo, perceber

talvez alguma pergunta comum. Quando eu analisei, fotografias, eu comecei com fotografias políticas da prefeita Maria Luiza em 1987. Eu peguei um conjunto de fotos que estava no jornal O Povo, e aquelas fotos pra mim estava[m] muito interessante[s]. Uma mulher sentada no para-choque de um fusca, uma mulher beijando na boca do namorado. Nunca vi um prefeito homem com esse tipo de registro. Uma greve de fome, enfim, eu vi coisas tão diferentes do usual que me chamaram a atenção; Como é que era essa produção, como é que ela era veiculada, que palavras falavam sobre ela, como isso estava implícito, vamos dizer assim, numa forma de perceber e conceber a própria vida social, a própria vida política, então eu diria talvez que tem um conjunto comum de questões que dizem respeito à construção e a produção do simbólico. Talvez essa seja a minha chave, a minha chave de abertura de muitas portas. As coisas se movem por esse campo simbólico que não está separado, vamos dizer assim, da vida material. Está tudo muito junto, mas esse campo simbólico como campo de percepção de ação e de regulação das ações sociais me chama muita atenção. Então eu acho que essa talvez seja a minha chave, a minha câmera para verificar esse tipo de formulação. Eu entrei, por exemplo, através desse campo de entrada, qual é a linguagem dos gestores para determinado momento? Por que determinadas campanhas, por que a promessa tem determinadas características? Como, por exemplo, agora eu não escrevi sobre isso, mas percebi que todos os candidatos à prefeitura, nas últimas eleições, prometeram muita coisa, muita promessa. Eu não sei se por conta da falta de contato face a face, mas assim, eles iam prometendo, assim de forma muito quantitativa: 20 mil casas, eu quero tantos postes de saúde, tudo numerado quantitativamente, cinco não sei o que, quatro escolas tais... Chamou-me a atenção esse dado numérico. Não escrevi sobre isso, mas me chamou atenção e eu fiz... Já tinha feito... Eu publiquei um artigo sobre as promessas⁴, analisando os discursos, a recorrência das palavras, quais as palavras mais ditas, quem prometia o quê e a quem, como essa promessa era feita no passado, como é que ela era feita agora, como que era feita em determinados locais também, para a periferia o que se prometia, para a classe média o que se prometia, parece que essa questão do simbólico na linguagem... A

⁴ “Promessas para a cidade em tempo de campanha eleitoral”, REPOCS, Revista de Pós graduação em Ciências sociais, UFMA, vol.14, n.27, 2017.

palavra é um elemento fundamental de comunicação, de expressão e de mediação de conflitos sociais, me parece uma chave de abertura interessante que pontua muitos trabalhos. E aí é, como eu lhe disse, a influência da teoria de Bourdieu que me permite entrar no foco simbólico sem perder o chão, porque eu digo sem perder o chão das práticas, sem perder o chão dos conflitos das possibilidades, quem pode falar o quê e onde. Não basta ter uma fala, por que se pode dizer isso e por que se diz isso de determinadas maneira[s]? Então já situei o indivíduo no seu contexto de referência e eu acho que, eu também na condição de professora de teoria, fui muito tempo professora de teoria sociológica, eu sempre me vi muito na reflexão com essa teoria. Eu diria que eu não tenho uma, mesmo dizendo que me sinto alguém influenciada por Bourdieu, eu nunca abri mão da ideia de que uma pesquisa é sempre soberana nas nossas formulações teóricas. Soberana em que sentido? Que não basta dizer isso domina o quê, isso é assim. A contradição se dá assim, isso não serve nem para o modelo marxista tampouco para o modelo do Bourdieu, mas um pouco assim, como é que em determinados momentos certos processos atingem determinadas características? Quem são esses atores? Como é que eles fazem? Como é que eles agem? Enfim, pessoas de carne e osso. Então me deu uma ideia assim de um simbólico incorporado, mas incorporado não só teoricamente, mas incorporado enquanto ação, enquanto agência, enquanto método de agência. Me chama muita atenção a ideia de agência, sabendo da existência de uma estrutura, sabendo da existência de campo de relações de densidades, mas existe uma agência nessa formulação, não um agente livre para fazer o que quer em determinado momento porque tem também essa apologia, esse desejo na Sociologia de fazer uma teoria completamente liberta do aqui agora. Não é isso. Eu acho que as pessoas são constrangidas para agir de determinada maneira e há uma relação tensa entre o constrangimento e a liberdade⁵, que foi até um artigo que eu escrevi aqui na Revista de Ciências Sociais, que chama “O indivíduo entre o constrangimento e a liberdade” , algo assim sobre o qual eu refleti e publiquei que era aquilo que eu um pouco pensava. Desde a ideia dos movimentos sociais, movimentos eram sujeitos livres na rua, vamos dizer assim, lutando contra todas as instituições até uma outra ordem

⁵ O lugar do indivíduo na sociologia: sob o prisma da liberdade e dos constrangimentos sociais”, Revista de Ciências Sociais UFC, vol 34, n.2, 2003.

mais estrutural e eu, vendo um pouco como era que essas questões se conectavam, hoje eu diria com esse tempo de maturidade de pesquisa... Eu percebo é que nós não podemos abrir mão nem de uma coisa nem de outra, um campo simbólico atravessado por práticas, por possibilidades, por tensionamentos, que são tensionamentos, vamos dizer assim, dos contextos sociais, dos tempos sociais.

Gleison Maia Lopes – Perfeito, professora. Seguindo essa esteira que a senhora acabou de fazer dos tempos sociais, não é? Em nível de estudos sociológicos, sobretudo aos caminhos que estão sendo travados nos temas de pesquisa que a senhora vem desenvolvendo, que horizontes de pesquisas e aportes teóricos desenham-se na construção do conhecimento sociológico?

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Eu acho que hoje, por conta de uma certa crise mundial, uma crise que eu digo que a sociedade está sempre em crise, mas essa crise agora ela tem uma característica que é o tema, vamos dizer assim, da sobrevivência, hoje a Sociologia está diante de uma grande indagação sobre como é que nós podemos pensar o nosso mundo de hoje, sobretudo, porque eu acho que a Ciências Sociais, de algum modo, herdaram um certo viés que vem do Iluminismo, de crer que o futuro é melhor do que o presente e que o futuro vai ser melhor do que o passado. Então nós temos sempre uma certa ideia evolutiva que veio com a modernidade de que o mundo posterior ele vai, vamos dizer assim, consertar os erros do anterior: nós não teremos mais nunca o nazismo na vida, nós nunca teremos, vamos dizer assim, as guerras tão selvagens, então a gente um pouco eliminou a ideia de repetição, enfatizando nosso desejo, vamos dizer assim, de uma sociedade melhor pensando no futuro. Então eu acho que a Sociologia hoje, ela se vê às voltas com esse grande dilema, né? É compensar um certo retorno daquilo que, de algum modo, foi recalçado porque a gente não está querendo que algo se repita, por exemplo, como é que isso reflete no meu trabalho. Eu hoje estou um pouco preocupada com a questão do dualismo, com a nossa dificuldade de convivência com o outro, o ódio e com a presença das redes sociais, essa forma de comunicação que eu mesma me vejo impelida a: olho aqui uma mensagem, dá vontade de dizer um monte de coisa, mandar um monte de respostas. Então nós estamos nesse momento

agora, vamos dizer assim, de uma recolocação de discursos de falas, e uma forma de conflito simbólico que foi acrescida pelas redes sociais. Esse tema me chama atenção, mas os velhos temas continuam comigo, por exemplo, o tema da participação. A gente não pesquisa só o que a gente quer, a gente pesquisa também o que é demandado pra gente. Agora Luiz Felipe Miguel, professor de ciência política da UNB, me pediu um artigo que eu fiz sobre mulheres para publicar numa coletânea. Em pesquisa recente sobre recursos hídricos eu escrevi um texto sobre o tema da participação nos comitês de bacia, a presença das mulheres. Posso dizer que há um conjunto de oportunidades e de demandas que nos escapolem, e aqueles desafios, que é desafio que vai um pouco do nosso desejo e da nossa sensibilidade para esse mundo que a gente está vivendo. Então eu acho que nesse momento, estamos atravessados por sentimentos de ódio, de exclusão, ameaça às instituições, risco da democracia e esse aparecimento forte da direita. Uma amiga minha, a professora Danyelle Nilin, com quem eu fiz uma pesquisa sobre mulheres, uma vez me provocou: “Irllys, está na hora da gente estudar as mulheres de direita”, ela diz. “Vamos estudar as mulheres de direita, é sempre a mulher contestando por espaço melhor, vamos estudar essas mulheres que estão aí defendendo, vamos dizer assim, o governo Bolsonaro”. Um dia eu disse: “ah, é um desafio”. Eu diria assim, o mundo social é um mundo de desafios, então a gente carrega as velhas questões, porque a gente será demandada para sempre respondê-las.

Eu acho que a sensibilidade sociológica está aberta, tem que estar aberta para o mundo, eu acho que a gente tem que ser um pesquisador com muitas danças e com muitas possibilidades. Eu pelo menos me sinto assim, às vezes é um pouco cansativo porque quando eu olho, estou fazendo um trabalho, um texto aqui outro acolá. Às vezes eu digo, eu divido meu tempo assim, nessa semana eu vou trabalhar isso, na outra eu vou trabalhar aquilo, mas assim, eu acho que um pouco pensar a Sociologia como a vida, né? A vida ela demanda muitas coisas, muitas inquietações.

Gleison Maia Lopes – Perfeito, professora. Encaminhando para o fim do nosso diálogo, professora, temos mais duas perguntas. A penúltima seria, pensando a Sociologia no nível nacional, na relação com investimentos em pesquisa, na

legitimidade da universidade aos olhos da população, quais os principais desafios encontrados atualmente no exercício da pesquisa sociológica?

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Eu estou falando pra você de um lugar, muito, que eu diria, privilegiado. Eu sou bolsista do CNPq, eu tenho uma rede de relações, então assim, de algum modo eu tenho uma possibilidade de diálogo com outros pesquisadores, não só aqui como também internacionais. Eu recebo todo dia mensagens do Edu Academia. Enfim, não só eu como vários pesquisadores de uma geração que se tornaram cientistas, pesquisadores do CNPq, têm um acesso privilegiado. Eu hoje me preocupo [com a] nova geração, a nova geração que não tem bolsa, e que está muito sob o efeito pragmático. Falei da pesquisa realizada de acordo um pouco com o meu desejo também, Eu quero fazer isso, me chamou atenção isso, eu não sei se os pesquisadores novos terão essa busca ou se eles vão estar inteiramente pragmáticos, do tipo “eu preciso ter um dinheiro e vou pesquisar aquilo que eu consegui abertura para ser pago”, vamos dizer assim, para poder conseguir financiamento. Então eu vejo a pesquisa em situação de perigo. Eu estou falando numa ideia de pesquisa que está ligada à noção de aventura, de criação, de desejo, de envolvimento. Então eu não sei se esses valores hoje são cultivados. Eu acho que eles não estão sendo cultivados. Quando a gente quer encantar um aluno em sala de aula, é difícil. Você às vezes vira quase um artista falando: “isso, esse tema tal”, e eles ficam falando, eles não conseguem, como eles dizem, um trabalho pra você: “tenho uma tese para entregar ou então uma dissertação para entregar, um relatório”. É um desencanto tão grande, tá entendendo?! Nós vivemos uma fase de desencantamento da pesquisa e de envolvimento dos alunos, por conta da dificuldade de financiamento, por conta desses tempos de desvalorização da Sociologia como uma ciência que tem algo a dizer sobre o mundo, e esse algo a dizer eu acho que é científico. Científico no sentido de que é uma pesquisa que tem uma tradição, nós temos uma tradição enorme de produção de trabalhos, agora mais do que nunca, num mundo tão cheio de interrogações. Hoje em dia o pessoal tem que dar a mão, vamos dizer assim, os processos aí de vacinação, as visões sobre o mundo, como o mundo funciona, mas nós estamos no momento que a Sociologia tem que dar respostas e tem respostas a dar, mas eu não sei se isso chega para a nova geração. Eu não sei como fazer para encantar a nova geração e dizer que o trabalho

sociológico vale a pena. Esse é o maior desafio. Pra mim, fico muito contente que você me entrevistasse, que possa entrevistar outras pessoas, talvez esse recado seja importante para ver como é que nós, como educadores, pesquisadores, podemos encantar a nova geração e mostrar a importância da pesquisa.

Gleison Maia Lopes – Perfeito, professora. Fechando o nosso diálogo, eu gostaria de ouvi-la acerca de uma questão que vivemos atualmente, né? O mundo foi assolado por uma pandemia, o coronavírus, e esse contexto social trouxe acalorados debates acerca da eficácia da ciência, dos métodos e finalidades do saber produzir nos laboratórios de universidades. Na concepção da senhora, qual seria o papel da Sociologia nesses tempos?

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Assim, eu acho que nós temos que divulgar as nossas pesquisas. Agora, por exemplo, esse meio que está sendo encontrado através do *Google*, dos blogs, não dá pra gente dizer assim: “eu não vou entrar nessa onda”. Acho que a gente não pode se dar ao luxo de não entrar nessa onda. Nós temos que entrar na onda da difusão dos nossos trabalhos, de colocar palestras, trabalhos, textos, de fazer vínculos interessantes. Por exemplo, eu fui chamada para fazer um debate na área médica de um filme muito interessante. Então eu vou lá, eu não me recuso a essa presença no espaço público, Sociologia tem que entrar no espaço público e, ao invés de ficar respondendo pelo Google que a Damaris é louca porque viu Jesus na goiabeira, temos que escrever sobre isso, escrever sobre: por que a volta desse pensamento místico? O que é que está acontecendo? Por que esse tipo de pensamento tem agora uma prevalência? E pessoas tão inteligentes que a gente olha, colegas, vamos dizer assim, não da Sociologia, mas de outras áreas, abraçam certas visões de mundo, descreem da vacina, entram com discurso negacionista, antes que a gente diga assim: “esse cara não pensa”, nas redes sociais, vamos tentar pesquisar sobre isso. “O que é que está acontecendo?”, “por onde é que entrou essa forma de pensamento”. Às vezes parece que a gente está voltando à Idade Média. O que é isso? Será que a Sociologia um pouco ficou naquela ideia evolucionista de que o mundo caminha para frente? A ciência caminha, o que é que acontece, por exemplo, tem uma discussão muito

interessante que está vindo muito pela lógica dos recursos hídricos que eu ando lendo também que é o livro *Diante de Gaia oito conferencias sobre a natureza no antropoceno* do Bruno Latour onde ele discute toda essa perspectiva do antropoceno. Então o homem se colocou muito como o centro do mundo, ele não se pensou nem como parte de uma natureza, em que ele não é o único agente. Tem outras agências. Eu acho muito interessante pensar que as águas têm as suas agências e nós abafamos, vamos dizer assim, uma concepção mais abrangente de natureza e também recusamos a presença do pensamento tradicional mítico que tá aí fortemente no espaço público. Por que fizemos isso? Porque nós temos que encontrar armas para dialogar com outras formas de pensamento ou para a gente passar e fazer a chamada crítica. Sociologia é uma ciência da crítica. Nós temos que elaborar essa crítica e não vai ser através do *Facebook* ou do *WhatsApp* que a gente vai fazer isso. Então eu acho que agora, mais do que nunca, temos que reconstruir o nosso pensamento crítico. Inclusive assim, eu cito uma conferência muito interessante que eu vi do professor Sergio Adorno, em que ele fez uma espécie de percepção imaginária de uma situação, em que o tio visitava alguém e ele tinha o pensamento completamente tradicional. A família se dividia e ele era contra o filho, que era revolucionário. O que é isso? O nosso cotidiano! Precisamos afinar os nossos instrumentos para ver o micro, para ver esses comportamentos antes que a gente diga que não presta... Vamos entender o que está acontecendo? Que porosidade é essa que faz com o pensamento conservador vá penetrando mentes, se criando e fazendo adesões, né? Para além da nossa raiva e do nosso ódio. Então assim, eu penso que nós temos que afinar instrumentos a partir da compreensão do mundo social. Se há uma coisa pra dizer, o desafio é esse: afinar os instrumentos de compreensão e criar a nossa bela Sociologia como esporte de combate, que é a perspectiva de Bourdieu. Temos que afinar os instrumentos de combate, não as armas do Bolsonaro, as nossas armas simbólicas de contestação do mundo.

Gleison Maia Lopes – Professora, eu gostaria de encerrar agradecendo em nome da Revista Café com Sociologia. Eu me sinto honrado de poder ouvir suas palavras, de poder ouvir sua percepção de Ciência e de Sociologia. É uma alegria enorme enquanto professor; enquanto estudante, eterno estudante. Então agradeço

profundamente a atenção da senhora, a disponibilidade em poder conversar conosco, muito grato pela atenção e gentileza.

Profa. Irllys Alencar Firmo Barreira – Eu também agradeço, Gleison. Fico contente e até a próxima.

Entrevista realizada em: 23 fev., 2021

Recebido em: 11 mar. 2021

Aceito em: 12 de mar. 2021.